# 3° ENCONTRO DO OBSERVATÓRIO DO MERCADO DE TRABALHO DO MARANHÃO

# ÁREA TEMÁTICA 4 – Trabalho, Gênero e Etnicidade. Coordenação: Profa. Dra. Camila Sampaio (PPGCSOC/UFMA) e Profa. Marly de Jesus Sá Dias (PPGPP/UFMA)

**TURISMO ÉTNICO-CULTURAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PIQUI DA RAMPA, CONTRIBUINDO COM O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, NA GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA.**

# Wilson de Carvalho Rosa Filho[[1]](#footnote-1)

# Resumo

O seguinte trabalho tem por objetivo analisar as possibilidades de etnodesenvolvimento socioeconômico e sociocultural do turismo étnico cultural na comunidade quilombola de Piqui da Rampa, contribuindo com o desenvolvimento sustentável, na geração de trabalho e renda,identificando os recursos culturais e naturais para o uso sustentável do turismo analisando as condições de infraestrutura básica e suas possibilidades em disponibilizar apoio ao turismo local, fazendo uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo qualitativa, com a aplicação de entrevista junto a comunidade e suas lideranças, fazendo uma análise com a Matriz SWOT. Os resultados mostraram que a comunidade possui algumas fraquezas e ameaças relacionadas à titularização da terra, infraestrutura e educação, mas existem as forças e as oportunidades as quais podem ser formuladas estratégias que tornem viável a implantação do desenvolvimento do turismo étnico – cultural na comunidade de Piqui da Rampa, utilizando suas características sustentáveis e socialmente coletivas em prol da geração de trabalho e renda.

**Palavras-chave:** Turismo étnico cultural consciente. Desenvolvimento sócio econômico sustentável. Comunidade Quilombola de Piqui da Rampa.

**INTRODUÇÃO**

Na contemporaneidade a temática sobre o turismo étnico-cultural em comunidades Quilombolas tem ganhado notoriedade pela importância que possui e as possibilidades de abordagens e reconhecimentos que o processo investigativo traz. Os debates, as analises e as possibilidades como instrumento de desenvolvimento do turismo étnico-cultural nas comunidades Quilombolas contribuindo com o desenvolvimento sustentável, na geração de trabalho e renda, vem ganhando visibilidades nos espaços de Poder,

A aproximação com a temática está imbricada com as experiências, visitações, e vivencias nesses espaços memoráveis que norteia o potencial dos processos hegemônicos, intensificaram o interesse em investigar a realidade da comunidade Quilombola de Piqui da Rampa, Identificando os recursos naturais e culturais; as condições de infraestrutura básica e suas possibilidades em disponibilizar apoio ao turismo local.

O seguinte trabalho de pesquisa tem por objetivo analisar as possibilidades de desenvolvimento do turismo étnico-cultural na comunidade quilombola de Piqui da Rampa, identificando os recursos naturais e culturais para o uso sustentável do turismo; as condições de infraestrutura básica em disponibilizar apoio ao turismo local; para o desenvolvimento do turismo étnico-cultural na comunidade, através de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com a aplicação de entrevista junto a comunidade e suas lideranças, fazendo uma analise com a Matriz SWOT.

Na conjuntura da sociedade atual o turismo configura-se como uma das atividades sociais mais prósperas e rentáveis, que movimenta a economia com divisas gerando trabalho e renda e desenvolvimento socioeconômico. Sob essa ótica, o turismo planejado estrategicamente por profissionais qualificados, em conjunto com a comunidade local, levando em consideração os recursos já existentes na localidade como: patrimônio natural, cultural, material, imaterial induz ao desenvolvimento da mesma.

Sendo assim, percebe-se que o turismo étnico - cultural é uma alternativa viável para a melhoria da qualidade de vida dos autóctones da comunidade Quilombola de Piqui da Rampa. contribuindo com o desenvolvimento sustentável, na geração de trabalho e renda, Já que é notório que a comunidade é carente de recursos financeiros vulneráveis e marginalizados na sociedade brasileira. Apresenta índices baixíssimos de IDH necessitando de desenvolvimento socioeconômico.

Porém, analisando e diagnosticando os processos educacionais e tecnológicos, os recursos naturais e culturais, fazendo um resgate histórico dos usos, costumes, brincadeiras, histórias, e etc., conservando os mesmos e preservando o ambiente natural, fortalecendo a memória e identidades, aumentando a percepção por parte dos habitantes locais, e também a autoestima. Maximizando o potencial para o etnodesenvolvimento do turismo e minimizando os riscos com uma análise com a Matriz SWOT, tornando uma atividade social próspera, rentável, gerando trabalho e renda, que o turismo bem planejado estrategicamente, em conjunto com a comunidade induz ao seu desenvolvimento sustentável do turismo étnico-cultural, que é uma alternativa viável para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes de Piqui da Rampa .

**JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO TEMA**

As formações dos primeiros e de alguns outros quilombos foram através de muita batalha, luta e superação. Com o passar do tempo e com a crise econômica que atingiu os fazendeiros e senhores de escravos com a desvalorização do algodão e do açúcar no mercado internacional levaram esses a ruína e sem condições de sustentar seus negócios. A partir disso, passaram a persuadir os escravos a trabalharem a terra, plantando e dividindo a produção com os proprietários. Ao longo do tempo foram sendo formadas as milhares das comunidades quilombolas existentes atualmente, que na sua grande maioria foram edificadas próximo a Casa Grande. Nesse processo de produção conseguiram comprar as terras que outrora era do patrão.

As comunidades quilombolas do Brasil possuem uma identidade própria peculiar da cultura do povo negro rural que habita a mesma, consiste em uma cultura de paz e respeito mútuo, bastante hospitaleiros e receptivos com seus visitantes, uma união entre seus habitantes, tradicionalmente solidários uns com os outros, que supera qualquer adversidade cotidiana. A humildade e a simplicidade dessa gente guerreira, e a criatividade impressiona, quem as conhece, pois a pesar do passado de muito sofrimento muitas lutas e batalhas essa gente disposta se reinventa e vive de maneira íntegra de cabeça erguida, sem mágoa e ressentimento, trabalhando em prol da coletividade.

Segundo Batista (2005, p. 29):

A memória histórica constitui um fator de identificação humana, é a marca ou sinal de sua cultura. Reconhecemos nessa memória o que nos distingue e o que nos aproxima. Identificamos a história e os seus acontecimentos mais marcantes, desde os conflitos às iniciativas comuns. E a identidade cultural define o que cada grupo é e o que nos diferencia uns dos outros.

As riquezas culturais que as comunidades quilombolas possuem é um diferencial característico próprio. A roda de capoeira, o tambor de crioula, as brincadeiras típicas do lugar, a agricultura familiar de subsistência, a utilização dos recursos naturais de maneira sustentável é outro fator marcante na identidade do povo quilombola.

A definição da própria identidade cultural implica em distinguir os princípios, os valores e os traços que a marcam, não apenas em relação a si própria, mas frente a outras culturas, povos ou comunidades, memória e identidade estão interligados desse cruzamento, múltiplas pelas possibilidades poderão se abrir ora produção de imaginário histórico-cultural (SANTOS, 2004, p. 59).

Através da memória coletiva do povo quilombola recordações dos conflitos e as perseguições sofridas pelos ancestrais que tombaram nas batalhas e nas resistências pela liberdade e direito a uma vida digna, que sempre lhes foram negadas pelos poderosos e combatidas pelas forças de repressão do período colonial. As lembranças das senzalas, e os castigos dos feitores, todas essas histórias do passado em conjunto com outros elementos culturais como o patrimônio material, imaterial e natural das comunidades comprova a potencialidade para a possibilidade de formatação de um produto turístico diferenciado e competitivo capaz de agregar valores e desenvolvimento para a localidade que o fizer com um bom planejamento.

Através da memória e da construção da identidade de um povo, surge o turismo com a perspectiva de preservar a cultura e fazer dela um produto turístico que tem uma demanda específica, pois quem procura esse tipo de turismo quer outro tipo de atração, que é conhecer o patrimônio cultural daquela localidade (BATISTA, 2005, p. 30).

Os elementos culturais associados à memória e a identidade dessa comunidade devem ser planejados, formatados e ofertados como produto turístico, para um turismo étnico-cultural que transmite experiência e conhecimentos aos visitantes, só que as visitações à comunidade devem ser agendadas nos dias e horas marcadas escolhidas e definidas pelas lideranças locais em comum acordo com todos os protagonistas que serão os moradores, pois as apresentações culturais devem ser elementos que agreguem valor a essa comunidade, fortalecendo a cultura, pois não devem ser uma manifestação preparada, descaracterizada ou modificada para mostrar aos turistas, as manifestações culturais devem permanecer espontaneamente como sempre tem sido ao longo dos tempos.

Outros elementos são apropriados pelo turismo cultural com a intenção de promover o próprio e a comunidade local, como: a música, a dança, o artesanato, a gastronomia típica, o folclore, a agricultura tradicional, as manifestações religiosas, a história da comunidade, etc.

De acordo com Munanga (2012, p. 4):

O conceito de identidade evoca sempre os conceitos de diversidade, isto é, de cidadania, raça, etnia, gênero, sexo, etc., com os quais ele mantém relações da dialética, ora excludentes, conceitos esses também envolvidos no processo de construção de uma educação democrática [...] As diferenças unem e desunem. São fontes de conflitos e de manipulações socioeconômicas e político-ideológicas, quanto mais crescem, as diferenças favorecem a formação dos fenômenos de etnocentrismo que constituem o ponto de partida para a construção de estereótipos e preconceitos diversos. [...] A tomada de consciência das diferenças desemboca em processo de formação das identidades contrasteavas hetero atribuídas aos processos identitatórios, sabe-se, são estritamente ligadas á própria história da humanidade. Não conhecemos nenhum povo sem nome ou língua, e nenhuma cultura que não fazem de uma maneira ou de outra, a distinção entre “ela” e a “outra”, entre “nós’ e “eles”.

Munanga (1998, p. 35) aponta os negros e índios como:

condenados a sofrer a tortura de uma baixa estima de si. Durante gerações, a sociedade branca tem feito deles uma imagem depreciativa á qual alguns deles não tiveram força para resistir, pois a introjeitaram e criaram uma auto depreciação que hoje se tornou uma das armas mais eficazes de sua própria opressão.

Nesta perspectiva:

A falta de reconhecimento da identidade pode infligir uma ferida cruel ao oprimir suas vítimas de um ódio de si paralisante. O reconhecimento não é apenas uma cortesia que faz a uma pessoa: é uma necessidade humana vital (MUNANGA apud TAYLOR, 1998, p. 39).

A sociedade brasileira tem que entender que devemos ter igualdade na adversidade e que ela própria é constituída de diferenças, e que o preconceito é crime, e tanto o povo indígena como o povo negro merece respeito, consideração e gratidão, pois o povo indígena é nativo da terra, e o povo negro, seus ancestrais foram capturados em seu habitat de origem e trazidos a força, como prisioneiros na condição de escravos, e tem sido força de trabalho, tem contribuído na construção da nação brasileira.

O Turismo e Etnicidade que é a vivência de experiência com os nativos, preservando seus valores, costumes e modo de viver, estudando o seu patrimônio étnico-cultural, que são seus bens acumulados, os saberes e os sabores tradicionais, as formas de se expressarem, de criarem e de fazer suas atividades cotidianas, as memórias e identidade coletiva do povoado pesquisando o seu processo histórico de formação dos quilombos e da comunidade de Piqui da Rampa, fazendo uma proposta de turismo étnico-cultural viável ao seu desenvolvimento sócio- econômico e sociocultural para melhoria da qualidade de vida dos seus autóctones.

Estudando o processo histórico de formação dos quilombos, sua história de fundação, a união e coletividade são os principais motivadores para o associativismo na implantação do ecoturismo de base comunitária e o turismo de experiência, fomentando um produto turístico com consciência anfitriã e de hospitalidade desenvolvendo atrações como: apresentações culturais, roda de capoeira, tambor de crioula, museu afro local, biblioteca temática, caminhadas e trilhas ecológicas, demonstrações das plantas com propriedades medicinais, árvores centenárias e animais silvestres, banhos naturais, amostras gastronômicas afro-brasileiras, como por exemplo, passeios de charrete, cavalgadas e pescarias.

Os bens pertencentes a um determinado povo de um território ou povoado foram sendo e ainda está passando pelo processo de construção que vem desde o início da formação deste povo ou etnia é o pertencimento desta identidade, os aprendizados, os saberes que lhes foram transmitidos por outro e que passamos adiante, as vivências coletivas que formam elos e significados que fazem sentido para cada pessoa.

De acordo com Ribeiro e Santos (2008, p.3):

O patrimônio também é formado por saberes, celebrações e formas de expressão de um povo: festas, gastronomia, artes e artesanato, língua e forma de falar, relações sociais e valores sociais de uma comunidade representada nos espaços públicos, popular e coletivo.

# Memória e identidade

Recordar é viver de novo o que já passou, é voltar às lembranças que já estão memorizadas em nossa mente, fazendo parte da história em que fomos testemunhas oculares ou protagonistas, de situações adversas ocorridas em lugares de memória. Sendo assim, a identidade é algo que leva o indivíduo, a ideia de pertencimento identificando-o por menores ou em contexto geral das suas raízes, de onde você veio dos costumes e dos valores individuais e coletivos das pessoas que convivem em um lugar ou região.

Todavia, tanto a memória como a identidade nos enriquece quanto indivíduos pertencentes de uma comunidade, seja uma pracinha, um campinho de futebol, a escola onde estudamos quando éramos crianças, não esquecemos jamais dos festejos locais, com comidas típicas que só encontramos na terra onde fomos criados e educados, onde voltamos sempre para nos deleitar com situações e recordações, que não saem das nossas cabeças e dos nossos corações. Seja através do olfato, do paladar, dos ouvidos ou da visão, todos estes sentidos que nos remetem imediatamente a identificação de fatos ocorridos na história de sua localidade, seja eles bons ou maus momentos, são as origens e as raízes que cada lugar possui. “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si” (POLAK, 1992, P. 2004).

**PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA**

Quais as possibilidades de desenvolver o turismo étnico-cultural para a comunidade Quilombola de Piqui da Rampa? Esta pesquisa tem por finalidade investigar os fenômenos turísticos levando em considerações as fronteiras entre as ciências que o explicam, as convergências e divergências entre as mesmas, de modo a possibilitar uma compreensão do turismo étnico-cultural. A hipótese levantada é a de que através de um maior esclarecimento e entendimento, acerca das ciências que constituem o turismo étnico-cultural, seja possível entender a problemática desses fenômenos tão complexos e abrangentes.

Assim, o dinamismo do mercado turístico, o desenvolvimento socioeconômico, o estudo do ambiente natural, a compreensão das relações sociais entre turista e população nativa, são tópicos de extrema importância para a criação de uma etnometodologia teórica que venha contribuir para a produção científica na área afins, além de possibilitar a formulação de políticas para o etnodesenvolvimento turístico para comunidade Quilombola de Piqui da Rampa.

# Localização e acesso

# A comunidade de Piqui da Rampa é um importante povoado, que fica localizado na gleba de terra Gaivota ou Rampa na zona rural do município de Vargem Grande no Estado do Maranhão, com extensão territorial de 6.418,02 hectares e dois ares, os povoados que compõem a gleba do território Rampa, são: 22 povoados (sede) a Rampa, o Piqui da Rampa, São Joaquim, Bom Bilhete, Morada Nova Bica, Mambira, Gameleira, Caetano, Clementino, Flor da Rampa, Canzal, Prata, Olho D’água, Lago, Salobro, Pau Santo, Tamancão, Crumatar, Santa Severa, Deserto, Primavera (uma parte) e São Benedito (limite). Veja mapa.

# MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA GLEBA RAMPA

# Resultado de imagem para mapa de localização da gleba rampa vargem grande maranhão https://www.google.com/search?q=mapa+de+localiza%C3%A7%C3%A3o+da+gleba+rampa+vargem+grande+maranh%C3%A3o.

Saindo de São Luís o acesso ao povoado dá-se através da BR 135 e BR 222 até o Município de Vargem Grande, distante 195 Km da capital, chegando em Vargem Grande o acesso se dá por meio de uma estrada de distante 20 km da mesma. Já no percurso, em meados do km 4 da estrada encontra-se uma lagoa no balneário Moizinho. onde existe um projeto de construção de um resort. em andamento. Continuando na estrada no sentido Piqui da Rampa existem quatro pontes de madeira e uma intensa mata fechada até chegar ao povoado, onde existe um grande portal na entrada com a seguinte frase: “Sejam bem vindos ao Piqui da Rampa”. No povoado há duas ruas no formato de L e mais três pequenas ruas que ficam em frente ao campo de futebol de várzea, que funciona também como uma praça. O povoado de Piqui da Rampa é todo circundado por uma enorme e densa mata fechada.

# Histórico

# De acordo com o morador de naturalidade de Piqui da Rampa, o conhecido Professor Raí ou o senhor Raimundo de Jesus Fernandes, em entrevista concedida ao autor, afirma que: “a comunidade de Piqui da Rampa foi fundada por duas famílias, a Santos e a Fernandes, há dois séculos. Hoje, a população é de aproximadamente 115 pessoas, entre crianças, jovens e adultos. Isso dá uma média de 3,5 pessoas por domicílio”.

De acordo com Braga; Gomes; Menezes ( 2007, p.15):

O território da Rampa foi doado pelo Padre Antonio Fernandes Pereira, conforme carta de liberdade de 1º de maio de 1817, aos escravos da fazenda São Bartolomeu de Pirapemas. Carta manuscrita e registrada na freguesia de Nossa Senhora das Dores do Itapecuru-Mirim. Em março de 1820 a carta de liberdade foi finalmente reconhecida. [...] Na impossibilidade de transcrever do original a carta de liberdade são da certidão emitida em 30 de junho de 1971 pelo cartório do 2º ofício do termo da sede da comarca de Itapecuru Mirim, as denominadas cartas de liberdade eram registro em cartório, utilizados pelos proprietários de terras e escravos, especialmente no século XIX. O proprietário registrava as condições e liberdade que poderiam ser por: “esmola pelo amor de Deus” em “atenção aos cuidados e zelos com que me tem servido”, morte – nesse caso o testamenteiro se encarrega de fazer a vontade do (a) falecido (a); ou por compra da liberdade pelo próprio escravo (a) por meio de pagamento em dinheiro ao senhor, que por sua vez declara a quantia recebida.

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Turismo indica movimento de pessoas que não estão a trabalho em contextos diferentes do de origem, seja este o lar, a cidade ou o país. Trata-se, geralmente, de visitação a lugares onde poderão ser desempenhadas as mais variadas formas de atividades práticas e/ou subjetivas desde que não o trabalho. A amplitude do termo parece caber desde ao olhar visitante a um monumento na própria cidade de origem até ao passeio em lugares totalmente desconhecidos de outros países. Se algumas definições de turismo destacam a prática ou a estrutura do fenômeno, achamos que ambas as esferas, considerando suas dimensões simbólicas, subjetivas e até fenomenológicas devem caracterizar o fenômeno na medida em que as pessoas muitas vezes se sentem, ou não, em turismo.

Se alguns autores procuram as origens do turismo na época da expansão colonial, outros as buscam nas peregrinações características dos séculos XVIII e XIX. Com certeza, pode-se afirmar somente que o turismo em larga escala emergiu no mundo ocidental no final do século XIX e início do XX.

Ainda que lazer e viagem possam ser considerados como “universais culturais” (MURDOCK et al., 1982, p. 28) e fundamentos para uma definição básica de turismo, as origens deste têm merecido algumas investigações históricas.

As origens do turismo são encontradas, além disso, em condições de alta produtividade, especialmente na sociedade industrial. Mas é com as transformações socioeconômicas experimentadas depois da II Guerra Mundial que o turismo se desenvolve como uma manifestação do consumo de massa (PI-SUNYER, 1989).

Assim, se turismo é um fenômeno muito complexo, não só por se apresentar quantitativamente como uma das maiores (se não a maior) indústrias do mundo, mas principalmente por uma enorme diversidade de objetivos programáticos, além dos aspectos subjetivos que perpassam todos os relacionamentos envolvidos nas suas múltiplas facetas, a antropologia do turismo não se apresenta como homogênea em sua abordagem, mas muito diversificada internamente na medida em que se constrói sob uma miríade de objetos temáticos.

São estudos em turismo religioso, turismo e mudança social, turismo e mercantilização cultural, turismo e globalização, veraneio, turismo e lazer, ecoturismo, mediadores culturais na empresa turística, impactos sociais do turismo, turismo e produção de artesanato, turismo e etnicidade, entre outras rubricas. Além disso, turismo é uma área não só para atuação acadêmica dos antropólogos, mas de muita envergadura para o trabalho antropológico prático e aplicado ao turismo (NASH, 1996; CHAMBERS, 1997), e principalmente em termos de desenvolvimento sustentável (SOFIELD, 2003).

Entendemos que o turismo é um fenômeno social que se baseia pelos deslocamentos humanos alimentando-se das diversidades culturais das comunidades existentes mundo a fora, a importância dos símbolos e signos do patrimônio cultural e natural. Esse deslocamento que movimenta todos numa cadeia de serviços e produtos como: transportes em geral, hospedagem diversas; alimentações; souvenires; artesanato; o patrimônio cultural material e imaterial que tem uma significância com a etnicidade com a memória e identidade resultante de um longo processo histórico que teve início no séc. XV com a invasão do continente africano pelos navegadores portugueses e europeus com o intuito de colonizarem.

A etnicidade dos povos quilombola vai além das diferenças biológicas entre etnias ou pigmentações de pele dos negros, a etnicidade construída ao longo do tempo no dia a dia da comunidade com os costumes e tradições com as manifestações culturais espontâneas, com a coletividade o setor do turismo étnico é um mercado em plena expansão com impactos positivos nas economias locais receptoras gerando desenvolvimento sustentável.

Pierre (apud COSTA, 2004, p. 7) define o conceito de turismo étnico como “um turismo orientado para as pessoas e suas expressões etnográficas e antropológicas”.

Berghe (1980, p. 378), afirma: “O turismo étnico é mais abrangente que o turismo cultural pelo fato de também se interessar pela ‘vida dos nativos’”.

O turismo étnico em contexto de relações sociais, questões como a delimitação e definição das “culturas étnicas” e da adequação reflexiva dos estereótipos relativamente ao que é étnico e ao que não é, que é pelo lado intra étnico (como se veem a si próprio), quer pelo lado inter-étnico (como são vistos pelos “outros”), em consideração no sentido de perceber os processos de primordialização-construção essencializada das referências identitárias das “comunidades étnicas” e também se transformam em alvo de utilização estratégica (COSTA, 2004, p. 4-5).

De acordo com Costa (2004).

a análise do turismo como um fenômeno social moderno, uma prática social que assenta, em grande parte, na procura da diferença o turista desloca-se na expectativa de encontrar “realidade” diferente da sua do dia a dia outra forma de “olhar as coisas” esta “curiosidade turística”, este “olhar turístico”.

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2006, p.13) afirma que “o turismo étnico é a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade dos grupos étnicos”. Consiste, portanto, na busca pela interação e integração dos turistas com o cotidiano de comunidades que apresentam determinadas características sócias, econômicas, além de tradições culturais baseadas num forte sentido de territorialidade.

Assim, Stavenhagem (1985 apud GRÜNEWALD, 2002, p. 51)

Propõem uma caracterização sobre etnodesenvolvimento como “um desenvolvimento que mantém o diferencial sociocultural de uma sociedade, ou seja, sua etnicidade” assim, essa denominação perpassa pelas questões da sustentabilidade, mas considera além delas. Baseando-se nessa definição, o etnodesenvolvimento significa que “a etnia autóctone, tribal ou outra, detém o controle sobre suas próprias terras e seus recursos, sua organização social e sua cultura e é livre para negociar com o Estado o estabelecimento de relações segundo os seus interesses”.

O etnodesenvolvimento é entender que o controle da comunidade estará sempre com os seus pertencentes e defensores, liderança comunitária que luta por direitos e melhores oportunidades de vida, adquirida a partir do manejo de recursos explorados do seu patrimônio cultural, era uma perspectiva desenvolvida de acordo com os interesses da comunidade local, seus valores e costumes e modo de viver devem ser preservados e conservados, pelos seus agentes e suas autogestões.

# Patrimônio Étnico Cultural

Os bens acumulados de décadas e décadas tornam o patrimônio de uma comunidade quilombola como os dialetos, as formas de se comunicarem, saberes tradicionais, medicinais, ervas diversas usadas nos chás, rezas e benzimentos usados nas curas das pessoas, manifestações culturais como tambor de crioula, a capoeira, festejos local, a gastronomia própria da localidade, o seu artesanato tradicional, os modos de criação, os jeitos como produzem e organizam as coisas, o modo de vida, os bens móveis e imóveis que formam o patrimônio material e patrimônio imaterial, o patrimônio natural, as paisagens pertencentes ao território.

De acordo com a Constituição Federal de 1988 o Artigo 216:

**Art. 216.** Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

**PROPOSTA METODOLÓGICA**

A metodologia utilizada nesse trabalho é teórico-analítica, e se constitui pesquisas qualitativa de cunho bibliográfica e documental, (MINAYO, 2009) por possibilitar uma visão ampliada e focada na realidade a ser analisada, pesquisa de campo qualitativa, com a aplicação de entrevista junto a comunidade e suas lideranças, as teorias acerca do turismo étnico-cultural em que se circunscrevem posicionamentos cujo caráter multifacetado da atividade é estudado tendo por base inúmeras abordagens que se configuram por questões sociais, étnica, histórica, geográficas, econômica e principalmente epistemológicas, implicando necessariamente em uma investigação sistêmica do fenômeno.

A pesquisa foi realizada em três etapas: no primeiro momento foi apresentada uma exposição diacrônica das diversas teorias que deram suporte ao turismo. Posteriormente foram examinadas e analisadas tais abordagens com o intuito de identificar os principais pontos de convergência entre elas. Por fim, feita uma síntese, apontando as relevâncias do estudo no campo teórico do Turismo e seus impactos.

**RESULTADOS e DISCUSSÕES**

A proposta de turismo étnico- cultural, e o aproveitamento turístico de Piqui da Rampa focada no desenvolvimento e na sustentabilidade na preservação; conservação e valorização do seu patrimônio sociocultural, material. Imaterial e natural com especial atenção para a coletividade e etnicidade, a exploração do turismo étnico-cultural a ser feita pela Associação da Comunidade de Piqui da Rampa e também em parceria com a Associação das Mulheres Negras de Piqui da Rampa. Ambas as associações trabalharam em parceria na elaboração do projeto para a exploração do turismo étnico-cultural, a ser elaborado de forma bem planejada estrategicamente para gerar divisas, oportunidades de trabalho e renda, para o etnodesenvolvimento socioeconômico da comunidade local.

Utilizando recursos próprios já existentes como: o patrimônio cultural e natural associados à hospitalidade local desponta com inúmeras possibilidades, desde o turismo ecológico, o turismo de experiências, o turismo rural, o turismo religioso e o turismo étnico-cultural que vem a resgatar e conservar memória, identidade, costumes e tradições, fazendo o trabalho de campo, fazendo o levantamento a partir de observações diretas e de dados coletados no próprio povoado do Piqui, analisando os resultados da Análise SWOT. Os pontos fortes e fracos, as ameaças e oportunidades, entrevistando os moradores, como o professor Raí, o Sr, Walter, presidente da Associação local, a matriarca do Piqui da Rampa, a dona Maria da Paz, e outros.

**MATRIZ SWOT**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **FRAQUEZAS** | **AMEAÇAS** | **FORÇAS** | **OPORTUNIDADES** |
| * **Precariedade na educação;** * **Acesso; estrada esburacadas, pontes defeituosas;** * **Energia elétrica;** * **Urbanização;** * **Desperdiço dos recursos naturais.** | * **Titularização da terra.** | * **Portal de entrada;** * **Associações de moradores;** * **Patrimônio cultural;** * **União dos moradores;** * **Hospitalidade;** * **Receptividade;** * **Clima;** * **Paz e tranquilidade;** * **Recursos naturais;** * **Horta orgânica;** * **Casa de farinha;** * **Água encanada;** * **Residências.** * **Lavanderia comunitária** | * **Aproveitamento turístico da comunidade;** * **Elaboração de projeto turístico através das associações que contemplem:**   **- Construção centro comunitário de artes.**  **-Qualificação e capacitação profissional.** |

Fazendo análise com a Matriz SWOT os resultados mostraram que a comunidade possui algumas fraquezas e ameaças relacionadas à titularização da terra, infraestrutura e educação, mas existem as forças e as oportunidades as quais podem ser formuladas estratégias que tornem viável a implantação do desenvolvimento do turismo étnico – cultural na comunidade de Piqui da Rampa, utilizando suas características sustentáveis e socialmente coletivas em prol da geração de trabalho e renda.

A proposta de aproveitamento turístico de Piqui da Rampa focada no desenvolvimento e na sustentabilidade na preservação consciente; conservação e valorização do seu patrimônio sociocultural, material. Imaterial e natural com especial atenção para a coletividade e etnicidade, a exploração do turismo étnico-cultural, a ser elaborado de forma bem planejado estrategicamente para gerar divisas, oportunidades e renda, para o etnodesenvolvimento socioeconômico da comunidade local, utilizando recursos próprios já existentes como:

O patrimônio cultural e natural associados à hospitalidade local desponta com inúmeras possibilidades, desde o turismo ecológico, o turismo de experiências, o turismo rural, o turismo religioso e o turismo étnico-cultural que vem a resgatar e conservar memória, identidade, costumes e tradições, fazendo o trabalho de campo, pesquisa in loco entrevistando os moradores, e coletando dados, fazendo o levantamento a partir de observações diretas e de dados a coletar no próprio povoado do Piqui, analisando os resultados da Análise SWOT. a exploração do turismo étnico-cultural a ser feita pela Associação da Comunidade de Piqui da Rampa e também em parceria com a Associação das Mulheres Negras de Piqui da Rampa.

É nesse sentido que percebo que têm condição de fazer o aproveitamento turístico da comunidade, desenvolver e explorar o turismo étnico cultural na comunidade de Piqui da rampa, elaborando um projeto turístico custeado com recursos públicos advindo do Ministério do Turismo, EMBRATUR, da Secretaria estadual de turismo, PRODETUR Nordeste, de outros ministérios e outras secretarias, fundações, institutos e instituições.

Sugiro trabalharem um projeto amplo que contemple desde a criação e construção de um centro comunitário de artes, para produção de artesanatos e produção cultural de oficinas de danças, de tambor de crioula, de capoeira, qualificando e capacitando os habitantes locais, oferecendo cursos: de atendimento aos turistas, gestão de negócios, designes dos produtos, qualidade, embalagens, empreendedorismo, oficinas de produção de artesanatos, o apoio com planejamento estratégico do uso sustentável da localidade turística, com a organização comunitária, gerando renda e trabalho e o etnodesenvolvimento.

**CONCLUSÕES**

Baseado nas análises feitas nos documentos e ações que foram produzidos pode afirmar que as duas associações têm condição de fazer o aproveitamento turístico da comunidade, desenvolver e explorar o turismo étnico cultural na comunidade de Piqui da rampa, elaborando um projeto turístico por um profissional da área, custeado com recursos públicos advindo do Ministério do Turismo, EMBRATUR, da Secretaria estadual de turismo, PRODETUR Nordeste, de outros ministérios e outras secretarias, fundações, institutos e instituições.

A pesquisa mostrou-se motivadora para outros estudos e acompanhamentos sobre o turismo étnico-cultural em comunidades Quilombolas, mas para construirmos uma visão ampla e aprofundada, necessita-se de mais estudos sobre o tema.

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.). **Terras de preto no Maranhão**: quebrando o mito do isolamento. São Luís: SMDH/CCN-MA/PVN, 2002. (Coleção Negro Cosme; v. 3).

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: Ed. UEA, 2011.

ASSUNÇÃO, Mathias Röhirg. **A guerra dos Bem-te-vis**: a balaiada na memória oral. São Luís: SIOGE, 1988.

BATISTA, Cláudio Magalhães. **Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural**. Caderno Virtual de Turismo, v. 5, n. 3, p. 27-33, 2005.

BERGHE, Pierre L. van den. Tourism as ethnic relations: a case study of Cuzco, Peru. **Ethnic and Racial Studies**, v. 3, n. 4, Oct 1980.

BRAGA, Ana Socorro Ramos et al. **Tambores do Piqui, cartas de liberdade**: memória e trajetória da comunidade. São Luís, 2007.

BRAGA, Ana Socorro (Coord.); GOMES, Clícia Adriana Abreu; MENEZES, Flávia Andresa Oliveira de. **Tambores do Piquí, Cartas de Liberdade, Memória e trajetória da comunidade Piquí da Rampa**. São Luís: Ed. Gráfica Gênesis, 2007.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da Federal do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://[www.planalto.gov.br/ccivil\_03/constituicao/constituicao.htm](about:blank)*>*. Acesso em: 5 fev. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo cultural**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Acesso em: 11 mar. 2018.

CHAMBERS, Erve. Introduction: tourism’s mediators. In: CHAMBERS, Erve (Ed.).**Tourism and culture**: an applied perspective. New York: Suny, 1997.

COSTA, Francisco Lima. **Turismo étnico, cidades e identidades: espaços multiculturais na cidade de Lisboa.**  In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004. Coimbra. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <[http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel74/FranciscoLimaCosta.pdf](about:blank)>. Acesso em: 25 jan. 2018.

FUNDAÇÃO PALMARES. **Quadro geral de comunidades remanescentes de quilombos** (CRQs). Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/crqs/quadro-geral-por-estado-ate-27-11-2014.pdf >. Acesso em: 28 jan. 2018GRÜNEWALD, R. de A. **A Reserva da Jaqueira: etnodesenvolvimento e turismo**. In: RIEDL, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. (Orgs.). **Turismo rural**: tendências e sustentabilidade. Santa Cruz do Sul: EDUSC, 2002.

MINAYO, Maria. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MONTEIRO, John. Prefácio. In: ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, identidade, Etnicidade e cidadania.** 2012.Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DiversidadeEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>. Acessoem: 15 fev. 2018.

MURDOCK, G. et al. **Outline of cultural materials**. New Haven: Human Relations Area Files, 1982.

NASH, Dennison. **Anthropology of tourism**. Kidlington: Pergamon, 1996.

PI-SUNYER, Oriol. Changing perceptions of tourism and tourists in a Catalan resort town. In: SMITH, Valene. **Hosts and guests**: the Anthropology of tourism. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RIBEIRO, Marcelo; SANTOS, Eurico de Oliveira.  **Turismo cultural de educação patrimonial para as comunidades locais.** Revista Intinerarium, v. 1, 2008*.*

SANTOS, Reinaldo Soares dos. **O encanto da Lagoa**: o imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na Lagoa Encantada. 2004. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo, UESC/UFBA, Ilhéus, 2004.

SOFIELD, Trevor H. B. **Empowerment for sustainable tourism development**. New York: Pergamon, 2003.

STAVENHAGEM, R. **Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada do**

**pensamento desenvolvimentista.** In: ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO. Rio de Janeiro: Universidade de Brasília, 1984. Disponível em:

<http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario\_antropologico/Separatas1984/anuario84\_rodolfostavenhagen.pdf>. Acesso em: 25 de Abril. 2018.

Disponível em:https://www.google.com/search?q=mapa+de+localiza%C3%A7%C3%A3o+da+gleba+rampa+vargem+grande+maranh%C3%A3o Acesso em: 15 de Janeiro. 2020.

1. Estudante do Curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Bacharel em Turismo/UFMA, Pós-Graduado em Especialização em Política e Gestão Pública de Esporte e Lazer/UFMA. E-mail: tribusmagazine@yahoo.com.br

   [↑](#footnote-ref-1)